

Sinfonia
(Música)

Peça instrumental para múltiplas vozes, que é usada no lugar das obsoletas aberturas. A dificuldade de se executar bem uma abertura, e a dificuldade maior ainda de se fazer uma boa abertura, deu origem à forma mais fácil da sinfonia que, no início consistia em uma ou algumas peças fugadas, as quais alternavam com peças de dança de diferentes tipos, e eram geralmente denominadas partitas. A abertura ainda se conservou antes de grandes peças sacras e óperas; e utilizavam-se as partitas somente na música de câmara: contudo, [como] essas peças de dança sem dança cansavam logo, por fim passou-se a se contentar com um ou dois *allegros* fugatos ou não-fugatos, que se alternavam com um lento andante ou largo. Esse gênero foi denominado sinfonia, e foi introduzido tanto na música de câmara como antes de óperas e músicas de igreja, onde ela ainda está em uso. Os instrumentos que pertencem à sinfonia são: violinos, violas e baixos; cada voz é dobrada. Para o preenchimento ou para o reforço podem-se acrescentar ainda trompas, oboés e flautas.

Pode-se comparar a sinfonia a um coro instrumental, assim como a sonata a uma cantata instrumental. Nesta última, uma vez que a voz principal não é dobrada, a melodia da voz principal pode ser feita de maneira a tolerar ornamentos, e frequentemente até os exige. Na sinfonia, pelo contrário, onde cada voz é dobrada, o canto deve conter a mais alta ênfase nas notas já prescritas e nenhuma voz pode tolerar o menor ornamento ou coloratura. Da mesma forma, como ela não é uma peça de exercício como a sonata, mas deve ser lida à primeira vista, nela não pode aparecer nenhuma dificuldade que não possa ser logo superada e executada de maneira

clara por muitos [instrumentistas].

A sinfonia é especialmente apropriada para a expressão do grandioso, do solene e sublime. Sua finalidade última é preparar o ouvinte para uma música importante ou, num concerto de câmara, oferecer toda a magnificência da música instrumental. Para que atinja essa finalidade com completa suficiência e seja parte integrante da ópera ou música sacra que ela precede, ela precisa, além da expressão do grandioso e solene, possuir ainda um caráter que coloque o ouvinte no estado de ânimo que a peça seguinte exige no todo, e se diferenciar através de seu estilo, conforme se destine à igreja ou ao teatro.

A sinfonia de câmara que constitui um todo que se mantém por si, que não tem como meta nenhuma música seguinte, só atinge sua finalidade última mediante uma escrita sonora, brilhante e ardente. Os *allegros* das melhores sinfonias de câmara contêm temas grandiosos e audazes, manejo livre das frases, aparente desordem da melodia e harmonia, ritmos de diferentes tipos fortemente marcados, robustas melodias no baixo e uníssonos, vozes centrais concertantes, imitações livres, frequentemente um tema que é tratado à maneira de fuga, passagens súbitas, digressões de um tom para outro, que surpreendem mais fortemente quanto mais fraco é o encadeamento, fortes matizes do *forte* e *piano*, e especialmente do *crescendo*, o qual, quando é colocado ao mesmo tempo que uma melodia ascendente e de expressão que se intensifica, produz o maior efeito. Além disso, há ainda a arte de combinar todas as vozes entre si de tal maneira que, ao soarem conjuntamente, só se ouve uma melodia, a qual não precisa de acompanhamento, mas para a qual cada voz contribui com a sua parte. Um tal *allegro* na sinfonia é o [mesmo] que uma ode pindárica é na poesia; tal como esta, ele eleva e comove profundamente a alma

(*) Pieter van Maldere (1729-1768), compositor holandês célebre por suas inovações na escrita sinfônica. [NT]

do ouvinte, e requer o mesmo espírito, a mesma imaginação sublime e o mesmo conhecimento da arte, para ser bem-sucedido ali. Os *allegros* nas sinfonias do holandês Vanmaldere (*), que podem ser consideradas como modelos desse gênero de música instrumental, possuem todas as características anteriormente mencionadas e testemunham a grandeza de seu autor, cuja morte prematura privou a arte de ainda muitas obras-primas desse tipo.

O *andante* ou *largo* entre o primeiro e o último *allegro* não possui na verdade um caráter não determinado, mas é frequentemente de uma expressão agradável, ou patética, ou triste; contudo, ele precisa ter um estilo apropriado à dignidade da sinfonia, e não consistir em meras trivialidades, como parece tornar-se moda, pois isso seria mais conveniente numa sonata, ou poderiam ainda ter um bom lugar em sinfonias que precedem operetas cômicas.

As sinfonias de ópera adotam mais ou menos da característica da sinfonia de câmara, em conformidade como o caráter da ópera a ser representada. Contudo, parece que elas toleram menos digressões e não podem ser muito elaboradas, pois o ouvinte está mais atento para o que deve seguir do que para a sinfonia mesma. Como a maioria de nossas grandes óperas parece possuir o mesmo caráter e ter como base um deslumbramento dos ouvidos e dos olhos, a sinfonia já faz seu efeito se ela soa agradavelmente. Pelo menos as sinfonias dos italianos não possuem nunca outra característica: os instrumentos fazem ruídos nos *allegros* sobre uma linha de baixo repetitiva e três acordes; nos *andantinos*, executam trivialidades, sem força e expressão; mas também nenhum ouvinte na Itália presta atenção à sinfonia. Graun trouxe muito mais arte e caráter a suas sinfonias de óperas. Contudo, faltava à sua alma terna o fogo necessário para isso. O belo

canto, que nunca o abandonou, por mais digno de valor que seja, é de um efeito apenas opaco em toda sinfonia. Acredita-se ouvir uma ária de ópera executada por instrumentos. Nesse campo, Graun seria superado por seu irmão, o falecido “mestre de concertos”, que em suas sinfonias de câmara capturou o verdadeiro espírito da sinfonia. Também Hasse o superou nisso, embora suas sinfonias de ópera possuam também muito dessa qualidade lírica.

Em suas sinfonias que precedem as operetas, os franceses procuram alternar trivialidades com pensamentos sublimes. Mas toda a sua sublimidade degenera em empolamento. Para se convencer disso basta ouvir ou ver em partitura a melhor sinfonia francesa. Como as operetas em geral têm algo mais característico do que as grandes óperas, não é obrigatório que uma peça precise começar sempre com uma sinfonia. Muitas operetas podem ter um caráter que absolutamente não é apropriado à grandeza da sinfonia. Aqui seria uma oportunidade de se inventar novas formas, que fossem adequadas a cada peça, e que se poderia dar o nome geral de *Introdução*, para que não fossem confundidas com a sinfonia, a qual, na realidade, deve ter sempre a pompa e a grandiosidade da música instrumental como finalidade última.

A sinfonia sacra distingue-se das restantes principalmente pelo estilo sério. Frequentemente ela consiste somente de uma única peça. Ela não tolera digressões ou desordens nas progressões melódicas e harmônicas, tal como a sinfonia de câmara, e prossegue em passos fixos, rápidos ou lentos, segundo a natureza da expressão da peça sacra, observando estritamente as regras da composição. Ao invés do pomposo, ela possui frequentemente como finalidade última uma tranquila sublimidade, e é muito compatível com uma fuga patética e bem-elaborada.

(MV)